

Brachiaria brizanta cv. Piatã

uma forrageira para a diversificação de pastagens tropicais

A produção animal no Brasil tropical depende basicamente de pastagens cultivadas, em sua maioria cobertas por gramíneas exóticas e apomíticas, isto é, o embrião nas sementes não é fecundado e reproduz a genética da mãe. O baixo número de gêneros e espécies adaptados às condições predominantes de fertilidade de solo no Brasil levou à formação de extensos monocultivos ao longo desses últimos 40 anos, principalmente de capins do gênero *Brachiaria*. As poucas cultivares disponíveis respondem por mais de 40% das sementes comercializadas no Brasil.

A Embrapa, atenta ao problema da baixa diversidade nas cultivares disponíveis, trabalha na seleção e melhoramento da *Brachiaria* desde 1988, buscando novas cultivares produtivas, resistentes e que garantam bom desempenho animal. Uma equipe multidisciplinar utiliza duas metodologias:

1) a seleção de material a partir de uma coleção importada da África, local de origem das *brachiaris*, e

2) cruzamentos e seleção visando o melhoramento genético. A seleção explora a variabilidade entre os ecotipos importados, enquanto o melhoramento busca a expansão da base genética e o vigor híbrido, por meio de avaliação entre e dentro de famílias de híbridos gerados por cruzamentos.

O desenvolvimento de uma nova cultivar é um processo longo e trabalhoso. Envolve dificuldades inerentes ao melhoramento de plantas apomíticas como citogenética, embriologia de híbridos, e cruzamentos unilaterais em que as plantas apomíticas só funcionam como doadoras de pólen. As etapas de avaliação incluem a caracterização em canteiros, uma fase intermediária de ensaios regionais

para testar materiais selecionados em várias regiões pecuárias do Brasil e finalmente a avaliação do desempenho animal com ensaios sob pastejo. Cada uma dessas fases é realizada por dois anos e intercalada por multiplicação de sementes. Ensaios concomitantes e paralelos são conduzidos visando determinar a resistência a pragas e doenças, resposta a adubação e ao excesso de água no solo. Por isso, leva-se de 8 a 10 anos até obter uma nova variedade e o investimento é elevado. A parceria firmada em 2002 entre a Embrapa e a Unipasto - Associação de Melhoramento para o Fomento a Pesquisa de Forrageiras Tropicais - formada por produtores de sementes forrageiras, permitiu um aumento na eficiência do processo ao dividir o risco e os benefícios com os institutos de pesquisa envolvidos. Nela, uma cultivar considerada promissora é multiplicada com exclusividade pelos cooperados da Unipasto, que também

participam na ampla divulgação do produto e na transferência do pacote tecnológico associado à nova cultivar, por todo o território nacional e nos países para qual exportam.

Fig. 1 - *B. brizantha* cv. Piatã em florescimento, com inflorescências contendo 6 a 12 ráculos

Neste ano de 2007, pela primeira vez, o consórcio disponibilizará uma cultivar protegida, a *Brachiaria brizantha* cv. Piatã (capim-piatã). Trata-se de uma cultivar

selecionada após 16 anos de avaliações pela Embrapa e parceiros. É uma planta de crescimento ereto e forma touceiras de altura entre 0,85 e 1,10 m. Os colmos são finos, as bainhas foliares têm poucos pêlos claros, e a lâmina foliar é sem pêlos, áspera na face superior e têm bordas serrilhadas e cortantes. Esta cultivar apresenta perfilhamento aéreo, assim como a cv. Marandu. Sua inflorescência é muito característica e se diferencia das atuais cultivares disponíveis de *B. brizantha* por apresentar até 12 ráculos

no Mato Grosso do Sul. Nestas condições, 30% da produção foi obtida no período seco. Comparada com o capim-marandu, destacou-se pela elevada taxa de crescimento e disponibilidade de folhas sob pastejo. O teor médio de proteína bruta nas folhas foi de 11,3% e a média anual de digestibilidade in vitro da matéria orgânica de 58%. O capim-piatã apresenta rebrota mais rápida do que o capim-marandu. Em Campo Grande, em solos de fertilidade média, as taxas de acúmulo de massa seca de folhas nos períodos de água e seca, foram, respectivamente, de 53,6 e 8,3 kg/ha/dia para o capim-piatã, superiores aos 47,8 e 6,70 kg/ha/dia, do capim-marandu.

Quanto à tolerância ao alagamento, o capim-piatã apresentou-se intermediário, tendo desempenho semelhante ao capim-xaraés, porém superior ao capim-marandu, em ensaios sob condições semi-controladas, em casa-de-vegetação. O capim-marandu é notavelmente sensível a solos encharcados e, como consequência, vem apresentando sintomas de declínio e morte em certos locais da região Norte e Centro Oeste do Brasil.

de problemas com essas cigarrinhas. Em condições de campo, constatou-se, baixa infestação e danos moderados ao ataque de adultos das cigarrinhas *N. enteriana* e *D. flavopicta* neste capim.

O capim-piatã mostrou-se moderadamente resistente à ferrugem causada por *Puccinia levis* var. *panicisanguinalis*, doença essa pouco expressiva em *B. brizantha* e mais prejudicial em *B. humidicola*. Apresentou suscetibilidade a uma doença fúngica (carvão) nas sementes, causada por *Ustilago operata* (Figura 2). A ocorrência do carvão está estreitamente relacionada às condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento do fungo, ou seja, alta pluviosidade e umidade relativa do ar elevada durante o florescimento.

A cultivar Piatã é indicada para solos de média fertilidade, à semelhança dos capins marandu e xaraés e situa-se em uma posição intermediária entre a *B. decumbens* cv. Basilisk e cultivares de *Panicum maximum* quanto a esse aspecto. O capim-piatã possui taxa de crescimento mais elevada que a do capim-marandu em solo com saturação por bases

GANHO DE PESO DIÁRIO, TAXA DE LOTAÇÃO E PRODUTIVIDADE ANIMAL ANUAL EM TRÊS CULTIVARES DE *B. brizantha*

Cultivares	Ganho de Peso (g/animal/dia)		Taxa de Lotação (novilhos/ha)		Produtividade kg de Peso (vivo/ha/ano)
	Águas	Seca	Águas	Seca	
Piatã	780	350	5,19	1,82	715
Xaraés	718	286	6,85	2,25	795
Marandu	770	312	5,07	5,07	670

(Figura 1), enquanto as cvs. Marandu e Xaraés apresentam 2-4 ráculos. As sementes da cv. Piatã são menores que as da *B. brizantha* cv. Xaraés.

Em termos de forragem, produziu em média 9,5 t/ha de matéria seca sob corte, com 57% de folhas, em solos de média fertilidade e sem adubação de reposição

O capim-piatã apresentou resistência às cigarrinhas típicas de pastagens, *Notozulia enteriana* e *Deois flavopicta* por determinar menor sobrevivência ninfal quando comparado a cultivares susceptíveis. O mesmo não foi constatado, no entanto, quanto à cigarrinha-da-cana, *Mahanarva fimbriolata*, o que limita sua utilização extensiva em áreas com histórico

entre 35% e 60%. Recomenda-se a aplicação de calcário suficiente para elevar a saturação por bases do solo ao mínimo de 40%. Adapta-se bem em solos arenosos de média fertilidade. Quando comparada a outras cultivares de *B. brizantha* (Marandu e Xaraés), o capim-piatã responde mais à adubação fosfatada.



Fig. 2 - Sementes danificadas por carvão (*Ustilago operta*) na safra de 2005 (esq.) e sementes sadias da safra de 2006

A cultivar Piatã foi comparada às cvs. Xaraés e Marandu por três anos, em ensaio usando regime de pastejo alternado, com ampla oferta de forragem para os novilhos ao longo das estações. O ganho de peso diário dos animais na estação chuvosa foi semelhante entre os capins piatã e marandu, mas superaram ao do capim-xaraés (Tabela).

Por sua vez, o capim-xaraés proporcionou ao longo das estações as

maiores taxas de lotação (número de cabeças/área), o que resultou em maior produtividade anual (kg de peso vivo/ha/ano). A produtividade anual de carne não diferiu entre o capim-piatã e o capim-marandu (Tabela).

Nos três anos de avaliação, o capim-piatã destacou-se pela elevada taxa de crescimento foliar, disponibilidade de folhas sob pastejo e valor nutritivo. Apesar

dos ganhos de peso diários semelhantes entre o capim-marandu e o capim-piatã, este último produziu, em média, 45 kg/ha/ano de peso vivo a mais do que o capim-marandu.


A cultivar Piatã destaca-se como uma opção para a diversificação das pastagens, apresentando como vantagens sobre a cv. Marandu e/ou cv. Xaraés:

>> Produção de forragem de melhor qualidade.

>> Maior acúmulo de folhas.

>> Maior tolerância a solos com má drenagem que o capim-marandu.

>> Maior resistência à cigarrinhas-pastagens (*Deois e Notozulia*) do que o capim-xaraés.

>> Colmos mais finos, menores perdas de forragem e maior aptidão para o pastejo diferido do que o capim-xaraés. 

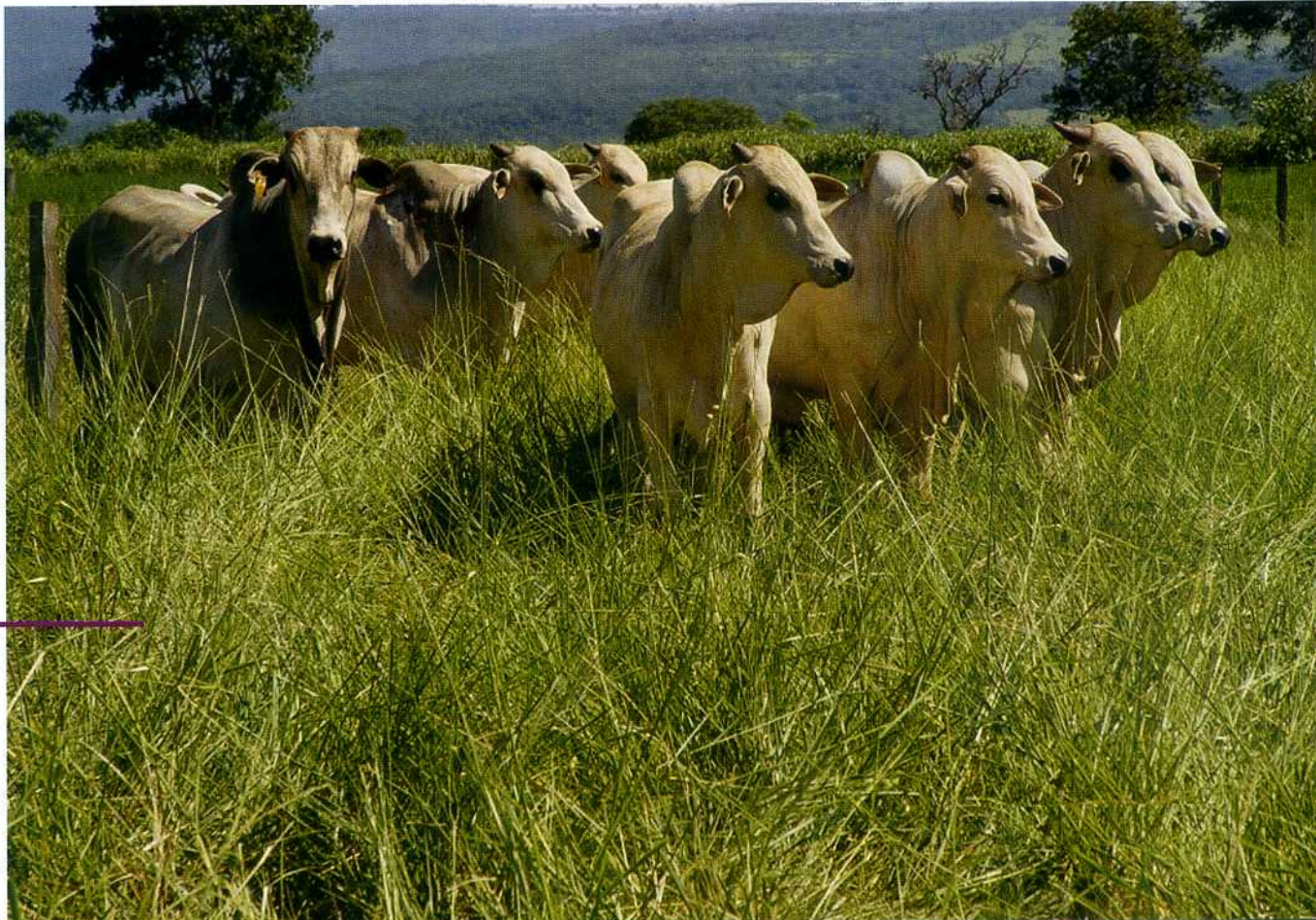


Fig. 3 - Çado em pastagem da cv. Piatã